

Os sete
pecados
capitais

Graham Tomlin

Os sete pecados capitais

Você pode vencê-los!

Tradução de
Valéria Lamim Delgado Fernandes



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro
2008

Título original: *The seven deadly sins*

Copyright © 2007 por Graham Tomlin

Edição original publicada em inglês por Lion Hudson.
Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

Supervisão Editorial: Nataniel dos Santos Gomes
Assistente Editorial: Clarisse de Athayde Costa Cintra
Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes
Adaptação da capa: Valter Botosso Jr.
Copidesque: Joel Macedo
Revisão: Margarida Seltmann
Cristina Loureiro de Sá
Joanna Barrão Ferreira
Projeto gráfico e diagramação: Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T619s

Tomlin, Graham

Os sete pecados capitais: você pode vencê-los/Graham Tomlin; [tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: *The seven deadly sins*

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-6030-390-8

1. Pecados capitais. 2. Pecados. 3. Vícios - Aspectos religiosos - Cristianismo.
4. Conduta - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Título.

08-0383.

CDD: 241.3

CDU: 241.4

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso
Rio de Janeiro — RJ — CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Sumário

<i>Agradecimentos</i>		7
CAPÍTULO UM	◆ Os pecados e a alma	9
CAPÍTULO DOIS	◆ Soberba	33
CAPÍTULO TRÊS	◆ Inveja	53
CAPÍTULO QUATRO	◆ Ira	77
CAPÍTULO CINCO	◆ Gula	95
CAPÍTULO SEIS	◆ Luxúria	113
CAPÍTULO SETE	◆ Avareza	133
CAPÍTULO OITO	◆ Preguiça	151
<i>Apêndice</i>		171
<i>Sugestão de leituras</i>		173

Agradecimentos

Escrever um livro requer muito trabalho, e não só de uma pessoa. Vários amigos leram capítulos e me deram conselhos inestimáveis, pesquisaram dados e contribuíram de diversas formas para a criação deste livro. Devo agradecer, especialmente, a Sally Harding, Nick e Sila Lee, Rebekah Lummis, Hector e Caroline Sants, Graham Singh, Tim Sudworth, Ruth Walley e Stu e Susie Wright por suas diversas contribuições. Morag Reeve e a equipe da Lion Hudson, como sempre, me incentivaram, foram eficientes e me ajudaram. Estranhamente, parece que todos os meus amigos resistiram bastante à idéia de ter um livro sobre os sete pecados capitais dedicado a eles, por isso não fiz a ninguém o desserviço desta honra duvidosa. Como sempre, minha maior dívida ainda é para com Janet, com quem aprendo a cada dia coisas sobre virtude e bondade, e para com Sam e Siân, que, juntos, são tudo para mim.

Capítulo um

Os pecados e a alma

A palavra “pecado” tem um passado de altos e baixos. *Peccato*, *péché*, *Sünde*, pecado; independentemente da língua, ela era no passado uma palavra terrível — uma palavra que infligia medo ao coração de quase todo europeu. Tinha o mesmo tipo de efeito emocional que palavras como “nazista” ou “câncer” provocam em nós, hoje. Era algo que as pessoas queriam evitar a todo custo, algo terrível e perigoso.

Agora, ela deixou de ser um *rottweiler* para ser um *poodle*. O “pecado” foi amansado, domesticado, castrado. A palavra, agora, é mencionada com um leve sorriso ou uma dose pesada de ironia. Descrever alguma coisa como “pecado” normalmente significa que achamos que ela não convém, mas é boa, com o espírito de quem diz: “Eu sei que não deveria fazer isso, mas vai ser divertido e tenho certeza de que não vai prejudicar ninguém.” Em outras vezes, “pecado” descreve algo proibido por pessoas que simplesmente querem impedir

as outras de se divertirem. A música “It’s a sin” (É um pecado), da banda Pet Shop Boys, carrega no tom da vítima oprimida, que ouve dos desmancha-prazeres que lhe balançam o dedo de forma autoritária, que tudo o que ela faz ou deseja é errado:

Quando faço uma retrospectiva de minha vida
É sempre com um sentimento de vergonha
O culpado sempre fui eu
Pois tudo o que desejo fazer
Não importa quando, onde ou quem
Tem uma coisa em comum também:

É um pecado
Tudo o que sempre fiz
Tudo o que eu faça
Todo lugar em que já estive
A todo lugar onde eu vá
É um pecado

Considerando todas as coisas negativas do passado, não é de surpreender que queiramos amenizar essa idéia tão desagradável, neutralizar a palavra, castrá-la, arrancar seu velho veneno.

Contudo, havia uma razão muito simples para a palavra “pecado” ter uma aura tão horripilante em torno dela no passado. O pecado não era uma transgressão inofensiva de algum código moral aleatório inventado por clérigos medievais reprimidos e frustrados. Para nossos antepassados, “pecado” descrevia um padrão de vida que simplesmente causava muita destruição. Ele destruía famílias, amizades, a felicidade, a paz de espírito, a inocência, o amor, a segurança,

a natureza e, o mais importante, nossa ligação com o Criador. Arrancava-nos de nosso devido lugar no mundo. Tirava o mundo dos eixos, distorcendo tudo e espalhando miséria e dor por todos os lugares. Uma passagem na Bíblia fala dos “desejos carnis que guerreiam contra a alma” (1 Pedro 2:11). Ela capta bem a idéia: esses impulsos, esses padrões de comportamento não só eram arbitrariamente errados, mas eram, até certo ponto, literalmente autodestrutivos. Trabalhavam uma guerra constante, sutil e corrosiva contra o ser interior; eram inimigos mortais da alma. O que aparentemente pareciam ser prazeres inofensivos, ou mesmo a promessa de uma experiência que fazia com que valesse a pena viver a vida, na realidade, aos poucos separava as pessoas. O pecado era como um vírus que atacava tudo, de modo que, embora a vida continuasse, ela nunca funcionava como achávamos que deveria. A vida sempre teve esse cisco no canto do olho; a dor incômoda de um sapato que não serve para nós; o lembrete de um segredo sombrio que não irá embora.

Assim, este livro é uma tentativa de reabilitação, ou talvez “desabilitação”: recolocar o “pecado” em seu devido lugar, mandá-lo novamente para o abismo ao qual ele pertence. É uma jornada que atravessa as planícies escuras do pecado para chegar às paisagens luminosas da bondade.

Violando as regras ou destruindo a alma?

Por que nossa compreensão de pecado passou por uma mudança? Por que não temos tanto medo dele como tínhamos? Talvez porque deixamos que uma visão torta do pecado nos dominasse. Na mente de muitas pessoas, “pecado” simples-

mente significa “violiar as regras”. Se pecado for só isso, a pergunta que surge (especialmente para uma geração condicionada pela filosofia educacional de fazer perguntas) é: “As regras de quem?” Talvez respondamos: “As regras de Deus”, mas isso não ajuda em nada. Quem é que vai dizer quais são as regras de Deus? Quem interpreta as ordens de Deus para nós e nos diz quais elas deveriam ser? Sem dúvida, a resposta para essa pergunta costuma ser “a igreja”, mas aqui estamos de novo com nosso problema original. Será que podemos realmente confiar que a igreja, este corpo falível (em sua maior parte) de homens velhos, cujo próprio registro moral não é nada irrepreensível, nos dirá o que fazer?

A dificuldade é que a concepção de pecado como “violação das regras” não chega ao xis da questão. A idéia fixa de “obedecer às regras” só por obedecer denuncia que a pessoa, em algum momento, entendeu errado, e não é de surpreender — e com certa razão — que comecemos a sentir uma fagulha de revolta dentro de nós.

Insistir somente na lei muitas vezes é sinal de uma visão moral seca e insípida. É o que faz de pessoas intrometidas e moralistas objetos de desaprovação. Leis existem para proteger coisas que são mais importantes do que leis. Não são fins em si mesmas. Quando entendemos que as leis têm por objetivo proteger, que existem para defender coisas vitais e inestimáveis como vidas humanas, famílias, casamentos, reputações, as comunidades e a paz, então nós começamos a entender sua verdadeira função. As leis são vitais para proteger a bondade, mas elas mesmas não chegam à essência da bondade; elas simplesmente tentam garantir sua sobrevivência.

Então, talvez seja melhor ver o pecado, ou os pecados, não tanto como violações das leis, mas, em vez disso, como

hábitos destrutivos. Este livro considera os sete pecados capitais como “sete hábitos de pessoas extremamente destrutivas”. São padrões de vida que, se deixarmos que nos dominem, irão destruir tudo o que é bom em nossa vida e levar-nos a destruir tudo o que está ao nosso redor. É por isso que devemos evitá-los. No entanto, há uma coisa em particular sobre o pecado que vai à essência da razão por que o ensino moral cristão sempre o enxergou de modo tão rigoroso.

Vida conjunta

Conta-se a história de uma mulher escocesa que, ao voltar de sua igreja presbiteriana em uma manhã, se encontrou com o marido incrédulo que havia ficado em casa. Ele lhe perguntou sobre o sermão. “O reverendo pregou sobre o pecado”, ela disse. “O que ele disse?”, perguntou o marido. Eis a resposta: “Ele foi contra o pecado.”

Por que os cristãos se preocupam tanto com o pecado? Por que estragar um pequeno prazer que não faz mal a ninguém com uma visão tão negativa e triste da vida? A resposta é importante e muitas vezes mal compreendida, e, de certo modo, pode ser expressa de forma bem simples: a vida é para ser vivida na companhia de outras pessoas, mas o pecado nos afasta.

O Deus cristão não é uma figura simples e isolada, o velho de barba que vive sozinho e usa uma túnica esvoaçante, adorado por cartunistas em todos os lugares. Pelo contrário, segundo os teólogos, ele é “três em um”. Sem entrar em detalhes de tal matemática teológica, simplesmente significa que Deus, como os cristãos o entendem, não é plural nem unitário. Os pagãos antigos, fossem gregos ou bárbaros, achavam

que havia muitos deuses diferentes. A implicação muitas vezes não mencionada que estava por trás dessa visão do mundo era uma crença de que a realidade suprema também era plural: irremediavelmente diversificada e diferente. O problema com essa visão é que é difícil encontrar alguma unidade fundamental ou razão inveterada para esperar que as coisas se unam. O medo constante é de que, se a realidade fundamental for diversificada e plural, então a vida, em última análise, está baseada no conflito entre perspectivas ou forças irreconciliáveis, e não há como solucioná-las.

Por outro lado, o monoteísmo tradicional acreditava que havia somente um Deus único e simples. A vantagem dessa visão é que ela é fácil de entender e supera a dificuldade do politeísmo: a ansiedade para explicar tudo o que basicamente existe é uma divergência interminável e insolúvel. Mas — e é um grande “mas”, especialmente no mundo moderno — o monoteísmo traz consigo o profundo medo de que tudo tem de estar de acordo com este Deus único e simples, e de que todos somos obrigados a andar na linha em uma tediosa e melancólica mesmice. Para muitas pessoas modernas, o monoteísmo ameaça a diferença e, conseqüentemente, também ameaça a arte, a criatividade, a diversidade e a liberdade; e talvez elas tenham razão. E, às vezes, os monoteístas estão tão convencidos de que é preciso pôr todos na linha que eles se dispõem a apelar para a violência a fim de impor isso. Crer que a realidade suprema é unitária, simples e monocromática nos ameaça com a possibilidade de que todos fomos feitos para agir da mesma maneira. O politeísmo ameaça trazer caos, o monoteísmo ameaça trazer coerção. O politeísmo oferece muita liberdade, o monoteísmo oferece pouca.

À luz da experiência que tiveram de um Deus presente na pessoa de Jesus e na experiência misteriosa do Espírito Santo, os primeiros cristãos desenvolveram um entendimento de Deus que era conscientemente diferente de cada uma dessas visões. Ao contrário do paganismo grego e romano e do monoteísmo judaico que os cercavam, o Deus dos cristãos era “três em um” — formado por Pai, Filho e Espírito Santo. No entanto, isso não significava três deuses; os três estavam, de algum modo, ligados em uma unidade fundamental de amor mútuo. Se isso se aplicava a Deus, então também se aplicava ao mundo. O resultado foi uma visão de vida que unia a unidade fundamental de todas as coisas e a beleza da diversidade e da diferença.

Se for verdade, isso naturalmente significa que estes dois maiores temores humanos — de que, por um lado, não existe nada no fim do arco-íris a não ser perspectivas irreconciliáveis e constante discórdia, e de que, por outro, tudo o que encontramos ali é uma triste uniformidade — começam a desaparecer. Pelo contrário, a realidade suprema, o próprio Deus, é unidade na diversidade. A diferença deve ser celebrada, mas não a diferença sem limites. A diferença é, no final, mantida pelo amor e pela auto-entrega. É uma visão do mundo que valoriza diferenças de raça, de personalidade, de preferências, de sexo e de talentos, e na qual, não obstante, todas elas estão mescladas em uma harmonia prazerosa e melódica.

Há outro importante passo nesta discussão. Para os cristãos, consta que os seres humanos foram criados “à imagem de Deus”. Em outras palavras, fomos feitos de algum modo para lembrar Deus, refletir algo de sua natureza e cuidar do mundo em seu nome. Se isso for verdade, podemos esperar que algo dessa mesma “unidade na diferença” se aplique a nós também. Ao longo das últimas duas ou três centenas de anos, especial-

mente nas sociedades ocidentais, costumávamos pensar em nós mesmos primeiramente como indivíduos, livres para fazer nossas próprias escolhas independentes. Podemos de vez em quando optar por nos associar a outras pessoas de quem, por acaso, gostamos, mas, no fundo, somos independentes uns dos outros, livres em nossos direitos soberanos sobre nosso próprio corpo e alma. A fé cristã vê isso de forma diferente. Nossa verdadeira natureza não é encontrada na individualidade, mas no senso de pertencer. Encontramos nossa verdadeira identidade no relacionamento com os outros, não no distanciamento; a encontramos na interdependência, não na independência. Em primeiro lugar, fazemos parte de famílias, de vizinhanças, de sociedades e de relacionamentos de amizade antes de sermos indivíduos. É claro que somos indivíduos e temos uma liberdade pessoal considerável, mas assim como Deus é diversidade na unidade, nós também somos. Como sugere o livro de Gênesis, não é bom que estejamos sós.

Ao falar sobre o objetivo da vida humana, Jesus, muitas vezes, usou uma ilustração comum do Antigo Testamento: uma visão de um grande banquete, mesas repletas de comidas coloridas e suculentas e vinhos tintos deliciosos, desfrutados por um grupo barulhento, animado e íntimo de amigos, com muitas risadas, alegria e satisfação. Não é o tipo de cena que normalmente associamos à religião, porém, mais uma vez, parece que Jesus raramente correspondia às expectativas de pessoas religiosas. O fato é que é para esta direção que a vida humana está caminhando. É assim que ela deveria ser vivida: em harmonia, em comunhão e com graça.

Às vezes, vamos a uma festa em que, a despeito da visível cordialidade, por trás das aparências existe uma tendência oculta de ciúme, uma competição sutil para ver quem conse-

gue contar as melhores piadas ou impressionar a maioria com seu emprego, seu salário ou suas realizações, ou rivalidades e atritos que as pessoas mal conseguem disfarçar. As melhores festas acontecem entre amigos, nas quais nada disso surge como uma ameaça. Podemos imaginar uma noite com nossos melhores amigos, na qual ninguém mais sente a necessidade de impressionar; cada um está decidido a garantir que todos os outros terão os melhores momentos e tudo o que sentimos é a generosidade de um bom anfitrião, o carinho de pessoas boas e a pura alegria de estarmos com aqueles que amamos e que nos amam. Essa é a cena do verdadeiro objetivo da vida humana que temos na Bíblia. Ela deve ser vivida em conjunto, com todas as outras pessoas.

O que tudo isso tem a ver com o pecado? A bondade permite que vivamos bem uns com os outros; que deixemos nossas diferenças se misturarem para formar algo criativo, belo e agradável. O pecado, por outro lado, destrói essa harmonia e assegura que nossas diferenças levem à miséria e à dor. As mesmas coisas que destroem uma boa noite com outras pessoas — como inveja, soberba, luxúria ou ira — são coisas descritas como pecado. Como veremos, a ira, o ciúme e a soberba estragam amizades, destroem comunidades e afastam as pessoas, deixando-as isoladas e solitárias. É claro que a solidão não é ruim; precisamos dela de vez em quando para restaurar perspectivas e nos reorientar. Contudo, não foi essencialmente para isso que fomos feitos. Fomos feitos para a comunhão, para a amizade, para estarmos juntos com os outros. E o pecado, na visão cristã do mundo, é tudo o que nos torna incapazes de fazer isso e rompe nossas ligações uns com os outros e com Deus, que é o doador da vida, do fôlego e da alegria.

O pecado afasta-nos. Faz-nos incapazes de manter um relacionamento saudável com qualquer pessoa. Lembro-me de viajar pela Índia há alguns anos e conhecer um hippie idoso que, de algum modo, foi abandonado na década de 1960 e envelheceu consumindo drogas, fazendo viagens e praticando a religião indiana. Era difícil imaginar qual era a causa e qual era o efeito, mas viajar sozinho durante vinte anos resultou em uma alma completamente neurótica, rígida e atormentada. Nos últimos dez anos, ele dificilmente manteve um relacionamento por mais de uma semana e desconfiava de todos. Era um homem extremamente nervoso, que desconfiava que todos estavam tentando roubá-lo e era assolado por ciúme, raiva e tensão. Deparar-me com ele foi como encontrar uma cobra sibilante: quanto mais perto eu chegava, mais perigoso ele parecia. Quando o conheci, haviam-no espancado, lhe roubado o pouco que tinha e o abandonado como morto em uma sarjeta imunda. Um grupo de amigos meus que eram cristãos acolheu-o e começou a cuidar dele, e, aos poucos, ele começou a se soltar e aprender a se relacionar novamente com as pessoas. Foi uma lição oportuna sobre o que o comportamento destrutivo pode fazer. Ele nos afasta, transforma todas as pessoas em inimigos reais ou potenciais e, no final, transforma a vida em um inferno na terra. Foi também uma lição sobre como encontrar o caminho de volta — o caminho da graça e da virtude.

Portanto, é vital, se quisermos levar uma vida boa e próspera, tendo relacionamentos bons e saudáveis, que aprendamos a evitar os padrões de comportamento que destroem a nós e às pessoas que amamos e, em seguida, aprendamos os hábitos de vida que formam vidas e comunidades fortes. Em outras palavras, é vital que aprendamos, dentro do possível, a encontrar uma forma de não “pecar”.

Pecado e sedução

Para nós, o complicado é que a cultura contemporânea no Ocidente não só reabilitou a palavra “pecado”, mas também quase todos os pecados individuais, de modo que, longe de serem coisas terríveis, feias e repulsivas, passaram a nos atrair de forma sutil e sedutora. Luxúria, inveja e avareza vendem jornais, carros e alimentos exóticos de forma tão natural que existem forças poderosas que se dedicam a incentivar esses hábitos a crescerem desenfreadamente em nossa alma e sociedade.

Entretanto, não foi só nosso mundo contemporâneo que descobriu os prazeres do pecado. Nossos antepassados não foram tão inocentes quanto podemos imaginar. É claro que eles não detestaram *totalmente* o pecado, pois o pecado sempre teve uma atração muito real e poderosa. E, a menos que compreendamos isso, jamais iremos entendê-lo. A vida seria simples se as coisas ruins para nós fossem feias e as coisas boas fossem bonitas. Mas a vida não é assim. Como disse o grande Agostinho acerca de sua própria tendência, quando jovem, de roubar só por roubar: “Era sórdido, mas eu adorava.” À medida que examinarmos cada um dos pecados, veremos como eles passaram a nos seduzir de forma sutil.

As grandes obras que trataram do tema do pecado no passado tinham um simples objetivo: revelar como o pecado é feio, e tirar o verniz que ele usa para atrair. *A divina comédia*, de Dante, uma das maiores obras da literatura européia, fez isso no século 13, mostrando a que levavam esses padrões de comportamento. Ela mostrou como cada um desses padrões recebeu seu devido castigo em uma visão com uma simetria tão distinta a ponto de parecer clara. No inferno imaginário

de Dante, os condenados pelo pecado da ira devem lutar entre si pela eternidade; os glutões, imitando o comportamento dos porcos, são obrigados a se deitar na lama, expostos à chuva e granizo constantes, e acabam por comer ratos, sapos e cobras como uma paródia de sua excessiva ganância; os preguiçosos ou indolentes são condenados a correr constantemente e sem fôlego, e assim por diante.

Contudo, estranhamente, cada pecado sempre tem, em sua essência, algo bom. As concepções artísticas medievais dos pecados os retratavam como versões desfiguradas e deformadas de alguma qualidade boa. Não é difícil descobrir por quê. A luxúria usa os prazeres encontrados no desejo e satisfação sexual e os distorce, transformando-os em uma escravidão incontrolável e nociva. A gula deforma os prazeres encontrados em um bife de picanha suculento ou em uma taça de bom vinho tinto, e os transforma em um consumo exagerado e doentio que nos deixa com a sensação de estarmos inchados.

Há sempre algo estranho sobre o pecado. Nos parques de diversão antigos, normalmente havia um lugar onde a pessoa podia se colocar diante de espelhos com formas estranhas, que aumentavam algumas partes do corpo e diminuíam outras. O resultado era engraçado, mas, ao mesmo tempo, um pouco assustador. O pecado faz o mesmo. Ele toma para si algo bonito e o transforma em algo feio, deformando-o de modo que se pareça com o original para preservar sua atração, mas, quando visto às claras, é tão feio quanto... bem, o pecado. De certo modo, é engraçado. Grande parte de nossas piadas gira em torno do grotesco: coisas fora de lugar, desfiguradas, estranhas. Contudo, há também um lado sombrio e é isso que os poemas imaginativos medievais tentavam revelar. O teólogo Cornelius Plantinga diz: “Uma vida

de pecado é uma caricatura em parte deprimente e em parte cômica da vida humana genuína.”

Isso nos leva a algo muito importante sobre a natureza do pecado e do mal. Embora possa parecer uma força monstruosa e pavorosa que ameaça devastar tudo, no final, o mal só pode distorcer algo que é essencialmente bom. O mal não pode criar nada; ele simplesmente deforma, faz uma caricatura ou destrói. O pecado é sempre uma paródia, um tipo de comportamento que lembra vagamente a bondade e muitas vezes gosta de se passar por ela, e normalmente usa certo discernimento moral e espiritual para mostrar a diferença. Não obstante, há, com certeza, uma diferença, e a capacidade de discernir o bem do mal é um sinal genuíno de maturidade humana e pessoal. Mas a razão por que muitas vezes é difícil discernir um do outro é que o pecado sempre tem, em sua essência, algo bom. Ele sempre usa algo precioso ou de grande valor e o deturpa, o distorce e o deixa feio, transformando um cisne em um patinho feio. Quando temos um ataque de raiva contra um irmão, uma irmã ou uma criança, normalmente nos justificamos com o comportamento que provocou a raiva deles primeiro, o que provavelmente foi inaceitável. O ciúme e a inveja convencem-nos de que são um excesso cabível contra uma terrível injustiça e que tratou o ofensor com aquilo que ele merece.

Isso significa, sem dúvida, que por mais monstruosos que sejam o pecado e o mal, na visão cristã do mundo, eles são basicamente triviais e patéticos quando comparados com a verdadeira bondade. Agostinho lutou a vida toda para entender a natureza do mal. Quase no final de sua vida, sua atenção começou a deixar de lado a realidade do mal para substituí-la por algo muito maior. Eis como Gillian Evans,

historiador de Cambridge, coloca a questão: “Tendo se conscientizado pela primeira vez da perversidade e do caráter vazio [do mal], de sua grande escuridão, de sua insolúvel complexidade, agora, finalmente, talvez ele tenha conseguido perceber a banalidade essencial do mal em comparação com a luz e o poder do Bem.”

Embora possa parecer que são poderosos e atraentes, o pecado e o mal não chegam nem perto de ser tão poderosos e atraentes como a bondade. Contudo, às vezes é preciso tempo para aprender a amar a bondade, como aconteceu com Agostinho. Aprender a deixar de lado a soberba, a inveja, a avareza e o restante não é um caminho fácil a ser percorrido, mas toda a direção da vida humana e do destino está trabalhando neste sentido. Imagine-se entrando em um rio que está correndo levemente em direção ao mar. Assim que entro, de repente me vejo levado por uma pequena correnteza, que, por causa da posição do leito do rio e da curva da correnteza, está correndo em outra direção, e acho difícil ficar em pé. Talvez, hoje, a vida pareça um pouco como estar nessa correnteza. Talvez seja difícil aprender a viver dessa forma porque a cultura que nos cerca faz com que isso seja difícil, mas visto a distância, todo o rio da vida humana e do destino segue na outra direção: o caminho da bondade, da vida e da virtude.

Pecado e responsabilidade

Um dos aspectos que voltaremos a tratar neste livro é a questão de como somos responsáveis por nossos pecados. É difícil falar sobre gula sem mencionar os distúrbios alimentares, ou falar sobre preguiça ou “desespero espiritual” sem mencionar a depressão. A linha divisória entre os padrões de comporta-

mento pelos quais temos certa responsabilidade e as doenças da mente, do espírito e do corpo sobre as quais temos pouco controle, pode ser muito tênue e às vezes difícil de notar. No entanto, essa visão sempre fez parte do pensamento cristão sobre o pecado. Agostinho desenvolveu uma idéia que passou a ser conhecida como “pecado original” e que ajuda a dar sentido a essa área complexa do comportamento humano. Sua idéia básica era a de que o pecado não é somente um ato de livre escolha resultante de uma desobediência descarada. Em vez disso, estamos inclinados a seguir nessa direção antes mesmo de começarmos. Nossa vontade, nossa capacidade de escolha, não está totalmente livre de escolher exatamente o que ela quer fazer, mas tem a tendência de escolher a direção errada, uma inclinação que vem de uma época remota no passado do homem. Por isso, de certo modo, somos responsáveis por nossos próprios pecados, mas, por outro, não somos. Estamos presos a uma rede de relacionamentos dentro da raça humana que significa que não começamos a vida como uma lousa em branco.

Em 2005, um menino de 12 anos apareceu em um tribunal no Reino Unido, acusado de estuprar sua professora. Enquanto o processo judicial se desenrolava, veio à tona a história de uma infância terrível. O menino era um dos três filhos cujos pais haviam se divorciado quando ele tinha 2 anos. Aos 4 anos, ele sofreu abusos e foi incentivado a consumir bebidas alcoólicas e a fumar cigarros. Sua mãe era alcoólatra e viciada em heroína. Regularmente, batia no parceiro e gritava com os filhos. Incitava os homens para que a deixassem bêbada e a levassem para casa para ter relações sexuais com ela diante dos meninos. Muitas vezes, injetava heroína na frente dos filhos. O jornal dizia: “O juiz reconheceu que os problemas do garoto

não eram culpa dele, mas disse que, apesar disso, era muito provável que ele cometesse outros delitos igualmente sérios.” O menino foi condenado e recebeu uma pena de 3 anos.

Essa história, lamentavelmente comum, ilustra bem o dilema. O garoto foi responsável ou não? Bom, ele foi. E não foi. Seu comportamento é perfeitamente compreensível quando pensamos em sua criação. Qualquer pessoa educada para pensar nas mulheres como objetos, e na violência e no consumo de drogas como coisas normais tem mais chances de acabar fazendo essas mesmas coisas. Contudo, não é inevitável. Um juiz que absolvesse tal pessoa com base na criação dela seria silenciado por gritos de protesto e, com toda razão, isso seria como um insulto a todos os que receberam tal criação e, não obstante, resistiram ao caminho da violência e do crime. Por isso, o menino é, ao mesmo tempo, culpado e inocente. A culpa não é só dele, mas ele não é o único que deve ser responsabilizado. Essa descrição capta exatamente a condição humana. O pecado sempre paira nessa área de responsabilidade e de inocência, e, às vezes, é difícil dizer se são as pessoas que pecam mais contra nós ou se somos nós que pecamos. Enquanto examinarmos este livro, tentaremos traçar um caminho entre esses extremos, reconhecendo quando somos vítimas e quando somos vilões. A verdade é que somos ambas as coisas.

Sete pecados capitais?

Então, por onde começamos a pensar no pecado? Uma forma tradicional é dividi-lo em categorias. Nossos antepassados tremiam diante da idéia, mas eram espertos o suficiente para perceber que precisavam conhecer seu inimigo. Por isso a idéia dos “sete pecados capitais” surgiu como uma forma nítida de

nos lembrar de alguns dos principais modos pelos quais esse padrão fatal de comportamento se manifestava. Não se sabe ao certo de onde veio a lista. Alguns dizem que veio de uma lista de oito maus hábitos definidos por Evágrio do Ponto, teólogo e monge grego do século 4. Cerca de 200 anos depois, enquanto escrevia um livro de reflexões sobre o livro de Jó, Gregório, o Grande, papa de grande influência, reduziu a lista a sete itens, e o número prevaleceu. A lista mudou ao longo do tempo, mantendo os mesmos itens e sofrendo uma variação de uma lista para outra na ordem em que eles apareciam, mas prendeu nossa imaginação como uma ferramenta para entendermos a vida moral, ou melhor, a vida imoral.

No apogeu da Idade Média, se tornou um modo padrão para sistematizar o pecado — uma taxonomia útil da má conduta. Talvez o tratamento mais famoso de todos tenha aparecido em *A divina comédia*, de Dante, em que o autor descreveu sua própria incursão imaginária ao inferno, ao purgatório e ao paraíso como uma jornada de exploração, purificação e redenção desses sete hábitos fatais. Tomás de Aquino propôs uma análise clássica dos sete pecados em seu *De Malo* [Sobre o pecado], escrito na década de 1270, e usou consideravelmente a lista em sua grande *Summa Teológica*.

No entanto, uma rápida olhada na lista tradicional dos sete pecados capitais levanta uma questão clara para qualquer pessoa que tenha qualquer noção da vida contemporânea e dos princípios morais: esses não são os pecados que identificaríamos como as principais causas do mal em nosso mundo. Em todo caso, nossa cultura, em geral, admira essas qualidades, e não as evita. A luxúria é sinal de um apetite sexual saudável, a soberba é um prazer perfeitamente válido em nossas próprias realizações, e a avareza é o motor essencial para a

economia. O filósofo Julian Baggini sugere que abandonemos a velha lista e propõe uma nova. Sua lista inclui exploração, dogmatismo, moralismo, cobiça (pelo menos, um dos velhos candidatos tem um lugar à mesa!), vaidade, complacência e negligência. São esses pecados que estão na essência de nossa experiência atual com o mal. São os culpados e responsáveis pela pobreza, doença, discriminação e injustiça.

Contudo, como veremos nesta jornada pela maldade humana, a lista tradicional inclui, explica e analisa esses itens mais a fundo. Vaidade e hipocrisia são sintomas de soberba, a exaltação do “eu” a uma posição incontestada e ilusória de superioridade. Complacência e negligência resultam da indisposição mais intensa da preguiça, uma perda de paixão pela vida, pela bondade e por Deus. Exploração dos outros é quase sempre o resultado incontrolável da luxúria, avareza ou gula, ou de um apetite desenfreado por sexo, dinheiro ou comida, à custa de pessoas de carne e osso. Ao mesmo tempo, a aversão de Baggini ao dogmatismo e à “idéia de o indivíduo se considerar certo enquanto os outros estão errados” é muito problemática. Ele acha que *ele* está certo em propor essa lista? Ele é sério quando faz declarações que têm, de fato, algum sentido? Sem dúvida, o tipo de dogmatismo que se nega a pensar, a considerar que poderia estar errado ou a participar de uma discussão ou debate é arriscado e prejudicial. Mas isso não significa que não possamos defender opiniões que sinceramente acreditamos estarem corretas e optar por viver nossa vida de acordo com elas. A fé sempre tem um elemento de dúvida agregado a ela. Acreditar em algo que não podemos provar (e a maioria das crenças sobre a existência ou a não-existência de Deus, o sentido da vida e assim por diante vai além de uma prova existente) inevitavelmente envolve cogitar a possibili-

dade de que talvez estejamos errados. Sem essa possibilidade, isso seria certeza, e não fé. Mas a verdadeira fé consiste em crermos na veracidade de certas coisas que não podemos provar e optarmos por viver nossa vida de acordo com elas. Ela está muito longe do dogmatismo que tanto tememos.

O problema com as listas contemporâneas é que elas, em geral, descrevem os sintomas, não a causa. Descrevem práticas sociais ou relacionais de que não gostamos (como exploração, hipocrisia e negligência) sem se aprofundarem muito para explicar por que agimos de várias maneiras. Como veremos, a reflexão cristã sobre os maus hábitos humanos vai além ao descrever o tipo de pessoa que faz essas coisas e as raízes de tal comportamento.

Tais tentativas de aperfeiçoar os sete pecados tradicionais muitas vezes expõem, de certo modo, a superficialidade dos instintos morais contemporâneos, mas isso não é de surpreender. Essas listas são o resultado de uma mentalidade de alguns anos. A lista tradicional foi considerada e examinada por aproximadamente quinze séculos, por isso acho que ela tem um pouco de vantagem. Talvez seja prudente darmos a ela nossa atenção antes de a rejeitarmos de imediato, como o menino que encontrou um Rembrandt no sótão e o jogou fora porque não era colorido o suficiente.

Pecado e Deus

A luxúria, a ira e a soberba podem dar aquilo que desejamos, mas, no final, aproveitaremos o que ganhamos totalmente isolados de tudo, com um câncer consumindo nossa alma e uma profunda solidão por todos os lados. Mas o sentimento mais profundo de solidão nos acerta em cheio em um nível mais

profundo do que o da perda de amigos e familiares. É resultado de que estamos desafinados com o mundo e com o próprio Deus. Não só significa que estamos sozinhos em nosso quarto, significa que estamos sozinhos no universo. Mais cedo ou mais tarde, quando tentarmos entender como o Cristianismo funciona e como ele pode nos ajudar a levar uma vida melhor e mais realizada, teremos de encarar a questão de Deus.

Você pode ou não se considerar um cristão e pode ou não crer em Deus. Este livro não tenta convencê-lo de modo algum — isso é assunto para outro dia ou outro livro, se é que isso de fato pode ser feito. Mas tenho de abrir o jogo logo no início desta jornada: por mais que tentemos, a vida cristã não pode ser vivida sem Deus. Não podemos de fato começar a entender a forma cristã de vencer o mal sem Deus. No entanto, talvez estejamos mais perto disso do que imaginamos. O que levou você a comprar um livro como este? Talvez um sentimento cada vez maior de desconforto, um sentimento de culpa, um medo incômodo de que exista algo de errado na essência de sua vida, um desejo de viver uma vida melhor do que a vida mal planejada que você está experimentando no momento? Nesse caso, isso muitas vezes é um sinal real de que Deus está começando a trabalhar em você. Na Bíblia, quando as pessoas se encontravam com Deus, elas normalmente não tinham um sentimento de harmonia, de amor e de paz universal. O encontro muitas vezes começava com um sentimento de profunda insuficiência — assim como uma cantora de barzinho talvez se sentiria diante de uma verdadeira diva, ou alguém que joga futebol nos finais de semana talvez se sentiria jogando ao lado de um profissional — só que muito, muito pior. O profeta Isaías, depois de ter tido uma visão de Deus no templo, só conseguiu deixar es-

capar: “Ai de mim, pois sou um homem de lábios impuros.” Quando Pedro (mais tarde *São Pedro*) viu Jesus começar a realizar estranhos milagres, sua reação foi correr até onde fosse possível: “Afasta-te de mim, porque sou um homem pecador!” Se sentimos que precisamos mudar nossa vida, ou pelo menos que ela não é o que deveria ser, isso talvez seja o primeiro raio de luz do Deus verdadeiro despertando algo dentro de nós. E isso é um bom sinal, pois, para que funcione, é preciso que comecemos um relacionamento com Deus, por mais experimental ou instável que seja.

Um último ponto a ser considerado. O objetivo de tudo isso não é criar uma lista de regras que nos ajudem a evitar o pecado. Isso seria simplesmente voltar à perspectiva ineficaz e moralista da “observância de regras” que mencionamos anteriormente. Pelo contrário, o objetivo é criar uma qualidade de vida particular que nos permita eliminar maus hábitos e criar bons hábitos. Isso tem menos a ver com montar uma estante de livros, obedecendo às instruções, e mais a ver com aprender a tocar piano ou ficar em forma. Não lemos sobre isso em um livro e depois simplesmente fazemos o que ele diz; desenvolvemos uma habilidade, uma qualidade de vida que nos permite fazer certas coisas sem que pensemos nelas. Quando estamos fisicamente em forma, conseguimos correr para pegar um ônibus e entrar nele, subir escadas sem perder o fôlego e jogar tênis por uma hora sem ficar roxos e ter um infarto. De igual modo, quando estamos espiritualmente em forma, podemos praticar a bondade, a generosidade e a paciência sem mesmo pensarmos nelas. E passamos bem longe da preguiça, da luxúria e da inveja, assim como faríamos diante de um pássaro morto na calçada.

No entanto, não basta apenas alertar sobre o mal. Nesse caso, resta em nós um buraco, um espaço vazio, que o mal quer preencher. Há uma parábola nos evangelhos nesse sentido que diz que, se tudo o que fazemos é expulsar um demônio, antes que saibamos, vários outros apareceram para ocupar o lugar dele. É preciso algo mais: também é necessário indicar o caminho para a bondade. Por isso este livro é mais do que uma tentativa de revelar como o pecado é feio, mostrando como os cristãos, que, a princípio, se identificaram com essa lista, lidaram com ela e encontraram uma forma de desenvolver a bondade ou a virtude. Ele tem por objetivo mostrar como a fé cristã oferece um estilo de vida que talvez nos permita dominar alguns hábitos realmente destrutivos e criar alguns positivos e construtivos; em resumo, um estilo de vida que nos ajude a levar uma vida melhor, o tipo de vida que sempre esperamos ser possível. Este livro tenta mostrar como a vida poderia ser diferente se não só crêssemos em Deus, mas também levássemos a sério a possibilidade de ele não ser somente um conceito na mente, mas uma realidade à nossa volta que efetivamente procura ensinar-nos a viver de um modo diferente.

No final, não são nossos esforços que produzem a virtude. A bondade que surge em nós não é questão de um esforço moral árduo de nossa parte, mas de nossa resposta ao amor de Deus, que nos procurou muito antes de o procurarmos, e de nosso trabalho com o Espírito Santo, que incansavelmente trabalha para manifestar em nós alguma semelhança com Jesus Cristo, assim como um escultor trabalha para criar de um bloco de pedra bruta uma estátua maravilhosa. A jornada descrita neste livro tenta mostrar como poderíamos trabalhar com ele, e não contra ele, neste processo, e

ressaltar as armadilhas que queremos evitar. Há muito tempo, Dante escreveu a história de uma jornada pelos sete pecados capitais no caminho que leva à virtude. Por isso, uma jornada como essa tem bons precedentes. Ela não é para os covardes, mas, se a fizermos, não viajaremos sozinhos.